

“Chegou todo mundo cansado”: uma investigação das construções de ordem marcada com o verbo “chegar” sob a perspectiva dos Modelos Baseados no Uso

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i3.3906>

Felipe Rodrigues de Araújo¹

Resumo

Neste trabalho, analisamos construções de ordem marcada (VS) instanciadas pelo verbo “chegar”, sob a perspectiva dos Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2016; Barlow; Kemmer, 2000) e dos Esquemas Imagéticos (Johnson, 1987; Oakley, 2007). Com o objetivo de descrever as funcionalidades dessas construções, relacionamos a ordem de constituintes às suas funções no discurso. O *corpus* é composto por amostras de fala retiradas do Banco de Dados Iboruna (Gonçalves, 2007). Partimos da hipótese de que a microconstrução em ordem VS funciona como mecanismo de apresentação/focalização, responsável pela introdução de referentes novos no discurso. As ocorrências foram analisadas com base em parâmetros de forma e função. Os resultados evidenciam a especialização da microconstrução, parcialmente esquemática, [[CHEGAR]+[SUJEITO] FOCALIZAÇÃO/ APRESENTAÇÃO] na introdução e focalização de referentes novos no discurso, que em sua maioria são caracterizados semanticamente como Indivíduos de traço [+humano]. Em conjunto, esses achados indicam que a ordem VS com o verbo “chegar” constitui, nessa variedade do PB falado, um recurso construcional sistemático de organização informacional, sensível ao tipo de sujeito, ao gênero discursivo e ao tempo verbal.

Palavras-chave: construções de ordem marcada; verbo “chegar”; esquema Imagético; modelos baseados no uso.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; felipearaujofg@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8918-3485>

“Chegou todo mundo cansado”: An Investigation of Marked Word Order Constructions with the Verb *Chegar* from the Perspective of Usage-Based Models

Abstract

In this paper, we analyze marked word order (VS) constructions instantiated by the verb *chegar* ‘to arrive’, from the perspective of Usage-Based Models (Bybee, 2016; Barlow; Kemmer, 2000) and Image Schemas (Johnson, 1987; Oakley, 2007). Aiming to describe the functionalities of these constructions, we relate the constituent order to their discourse functions. The corpus consists of spoken data drawn from the Iboruna Database (Gonçalves, 2007). We assume the hypothesis that the VS microconstruction functions as a presenting/focalizing mechanism, responsible for introducing new referents into discourse. The occurrences were analyzed based on formal and functional parameters. The results show the specialization of the partially schematic microconstruction [[CHEGAR]+[SUBJECT]PRESENTATION/FOCALIZATION] in the introduction and focalization of new referents in discourse, which are mostly characterized semantically as individuals with the feature [+human]. Taken together, these findings indicate that the VS order with the verb *chegar* constitutes, in this variety of spoken Brazilian Portuguese, a systematic constructional resource for information organization, sensitive to subject type, discourse genre, and verbal tense.

Keywords: marked word order constructions; verb “chegar”; image schemas; usage-based models.

Considerações iniciais

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as funcionalidades das construções de ordem marcada com o verbo “chegar” no português brasileiro falado. Há diferenciações na ordenação dos constituintes da oração entre casos de ordem marcada e não marcada (ou ordem de base) no português brasileiro. Entendemos como ordem não marcada a forma oracional S (=sujeito) V (=verbo) O (=objeto); e ordem marcada as formas de posições derivadas de SVO (VSO, OVS e SOV) (Castilho, 2012).

Neste trabalho, focalizaremos as construções de ordem VS(O). Essas construções são parcialmente esquemáticas, uma vez que o *slot* do verbo é preenchido pelo verbo “chegar”, cujo predicado é de estrutura argumental transitiva circunstancial e tem na base de seu significado pleno de movimento um ser que se desloca de um espaço de origem rumo ao alcance de um espaço de destino, como mostra a ocorrência abaixo:

- (1) aí... uhm aí falo/ aí **chegô(u)** um monte de policial:: aí eles viram... que o carro que tinham sido ro(u)bado... que eles usaram pa roubá(r) a gente éh:: tinha sido ro(u)bado cinco dia antes [BDI-AC001;NE:L32-44]

Esse tipo marcado de construção requer, pela estrutura argumental do predicado, um referente na posição de Sujeito (*um monte de policial*) pós-verbal, o qual alcança um local de destino (lugar onde o perspectivizador conceptualiza a cena), pressupondo o ponto de origem do deslocamento e o trajeto percorrido até o ponto de chegada.

De acordo com Berlinck (1997), Votre e Naro (1986), Pezatti (2014) e Freitas *et al.* (2022), esse tipo de ordem marcada não é um caso formal aleatório, mas é codificado em função de um mecanismo de focalização do referente do Sintagma Nominal (SN). Em (1), observamos que o SN na posição de sujeito pós-verbal é focalizado tanto pela ordem quanto pela possibilidade de “chegar” assumir a função de introduzir uma nova entidade no discurso. Partimos, portanto, da hipótese de que a MicroCx [[CHEGAR]+[SUJEITO]] em ordem VS, no português falado, funciona predominantemente como mecanismo de apresentação/focalização, associada à introdução de referentes novos.

Para a investigação que aqui propomos, empregamos como referencial teórico-metodológico os “Modelos Baseados no Uso” (MBU), teoria de natureza cognitivo-funcional que concebe a língua como sistema adaptativo complexo que comporta ao mesmo tempo padrões estáveis, variação e gradiência (Bybee, 2010). Os MBU, de modo geral, são uma teoria que busca explicar as bases cognitivas da gramática.

Metodologicamente, para a composição do *corpus* desta pesquisa, recorreremos ao Banco de Dados Iboruna, do Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista (Gonçalves, 2007), mais especificamente à Amostra Censo, que se compõe de 151 entrevistas sociolinguisticamente controladas. A análise dos dados compreende a apuração da produtividade dos diferentes tipos de construções com o verbo “chegar”, baseada na identificação da frequência de tipo (*type*) e da frequência de uso (*token*) (Bybee, 2007; Traugott; Trousdale, 2021). A partir desse passo, outros critérios de análise foram mobilizados, como o traço de Animacidade do Sujeito posposto ([+humano]; [+animado; -humano] e [-humano; -animado]); o Tipo Semântico de Sujeito (Indivíduo; Tempo; Lugar; Estado/Evento); o Gênero Discursivo e o Tempo e Modo do verbo “chegar”.

Além desta introdução, este texto se divide em três seções principais: na primeira, fazemos uma breve exposição teórica dos Modelos Baseados no Uso; na segunda, detalhamos a metodologia utilizada em cada fase do desenvolvimento da pesquisa; e, por fim, na terceira, apresentamos os resultados das análises para as diferentes construções instanciadas pelo verbo “chegar”. Reservamos, à última seção, nossas considerações finais. Fecham esse texto as referências bibliográficas.

Os Modelos Baseados no Uso

Empregamos como referencial teórico-metodológico os “Modelos Baseados no Uso” (MBU), teoria de natureza cognitivo-funcional que trata a língua como um inventário de redes de construções interconectadas. O termo “Modelos Baseados no Uso” (MBU) foi introduzido por Langacker, em 1987, na obra *Foundation of Cognitive Grammar*. Nas palavras do autor:

Uma motivação para este rótulo é a afirmação de que os eventos de uso são a fonte de todas as unidades linguísticas. A relação entre as unidades e os eventos de uso que as geram é fortemente restringida pelo requisito de conteúdo (§1.3.4). De acordo com o requisito de conteúdo, as unidades são limitadas a estruturas que surgem de eventos de uso através de dois processos cognitivos básicos: esquematização e categorização (Langacker, 2008, p. 220, tradução própria²).

Segundo Langacker (2008), no desenvolvimento da Gramática Cognitiva, três características são essencialmente definidoras de um MBU: i) é um modelo de gramática maximalista e generalista – ou seja, um modelo que busca a maximização por abstração para encontrar as motivações cognitivas dos usos da língua; ii) é um modelo não redutivo – cada uso, por mais gradiente que seja é motivado; iii) é um modelo *bottom-up* – ao partirmos do uso linguístico, padrões gerais são abstraídos de padrões específicos que surgem na experiência com o uso da língua. Um MBU é aquele em que o sistema linguístico é fundamentalmente baseado em eventos de uso: instâncias de produção e compreensão da língua por um falante (Berlow; Kemmer, 2000).

Sob essa compreensão, o objetivo geral dos MBU é o desenvolvimento de uma teoria dinâmica que consiga abarcar as diferentes produções linguísticas e explicar os processos cognitivos que motivam o surgimento e o uso de construções, resultantes de pareamentos de forma e significado (Diessel, 2023).

Esquemas Imagéticos

Importante construto teórico da Gramática Cognitiva, e caro a esta pesquisa, é a noção de Esquema Imagético (EI). Trata-se de um processo cognitivo que ajuda a explicar o funcionamento de padrões linguísticos, na medida em que organiza experiências recorrentes do corpo no espaço e no tempo em estruturas mais abstratas.

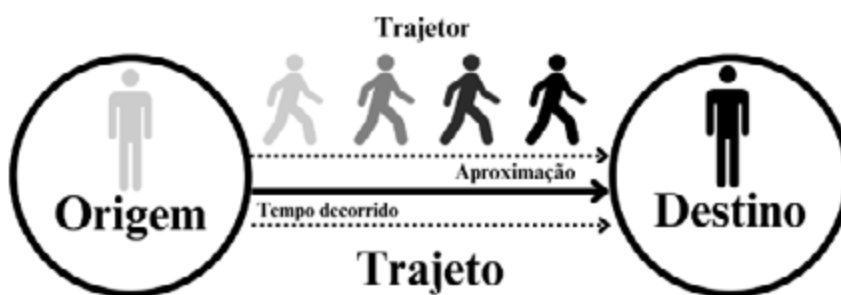
Um EI pode ser definido como uma forma de representação mental que permite ao falante replicar e projetar sua experiência no mundo extralinguístico, servindo de base para a

2 No original: “One motivation for this label is the claim that usage events are the source of all linguistic units. The relationship between units and the usage events that spawn them is tightly constrained by the content requirement (§1.3.4). According to the content requirement, units are limited to structures that arise from usage events through two basic cognitive processes: schematization and categorization”.

formação de novos esquemas construcionais da língua (Oakley, 2007). Deste modo, padrões de uso frequente passam a ser conceptualizados por meio desses esquemas.

Entre os diferentes tipos de EI, interessa-nos, neste trabalho, o Esquema Imagético de Trajetória. Esse esquema, conceptualizado por rotinização, forma um padrão mental visual que, nos termos de Johnson (1987), perfila um Trajetor que se desloca de um ponto de origem a um ponto de destino, por meio de um trajeto e durante um intervalo de tempo. É esse modelo abstrato de deslocamento que mobilizamos na análise da microconstrução, conforme ilustramos na Figura 1.

Figura 1. Esquema Imagético de Trajetória



Fonte: Araújo (2025)

Resumidamente, na abordagem de Talmy (2000), Trajetor é uma entidade que se desloca em um espaço e que, nos termos de Zlatev (2007), pode comportar-se de modo estático, localizado em ponto (Ela está na escola), de modo dinâmico, deslocando-se por um trajeto (Ela chegou da escola), ou realizando um evento (Ela está brincando em seu quarto). Ponto de referência (landmark) diz respeito à entidade de referência em relação à localização ou à trajetória de movimento do Trajetor (Ele foi da escola para casa), podendo compreender Origem e Destino de um movimento. A noção de Movimento pode ser interpretada de duas formas: i) de movimento real percebido, quando um Trajetor se desloca no espaço físico (Ele chegou em casa); ii) de movimento fictício – quando, da perspectiva do Trajetor, o Ponto de referência é que se “desloca” (quando chega a serra...). A noção de Trajeto (ou Percurso ou Caminho) pode ser interpretada também de duas formas: i) de caminho elaborado, referindo-se à trajetória de movimento real ou imaginado do Trajetor em relação ao Ponto de referência; ii) de caminho esquemático, o qual, baseando-se na generalização interlinguística, refere-se às três fases de um evento de movimento: início, meio e fim. O EI Trajetória, representado acima, evidencia de forma simplificada eventos mais complexos codificados linguisticamente. A depender do conceptualizador do evento (o usuário da língua), partes desse esquema (Origem, Destino, Trajetor, Trajeto ou Tempo decorrido) podem ser mais ou menos salientes em termos comunicativos, conceptualizando significados específicos, como esperamos mostrar ao longo de nossas análises. Em outros termos, esses conceitos, quando aplicados às construções com o

verbo “chegar”, nos revelam as associações motivadas pelo EI Trajetória e suas partes componentes (Origem – Trajeto – Destino).

Procedimentos metodológicos

Para a coleta dos dados, recorremos ao Banco de Dados Iboruna, do Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista (Gonçalves, 2007). A análise foi feita em 151 entrevistas sociolinguísticas que compõem a Amostra Censo do banco de dados.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é dividida em cinco etapas.

A primeira etapa corresponde ao levantamento de dados, por meio de busca automática pela primeira sílaba do verbo “chegar”, /che/. Optamos por esse tipo de busca, pois em alguns casos, a transcrição das Amostras no Banco de Dados marca prolongamento (:): da vogal /e/, “che::ga”, impossibilitando que todas as ocorrências com “chegar” sejam encontradas pela base morfológica desse verbo regular [cheg-]. Dos itens encontrados, foram selecionados apenas os dados que correspondiam ao critério de palavra verbal, excluimos expressões idiomáticas e casos de nominalização.

A segunda etapa consistiu no agrupamento das ocorrências coletadas, segundo o padrão construcional abstraído (*type*), de acordo com Traugott e Trousdale (2021), o que resultou no reconhecimento de cinco *microconstruções*³:

- i) [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[EXPRESSÃO ADVERBIAL])]_{TRANSITIVA CIRCUNSTANCIAL};
 - (a) aí nós pegô(u) fomo(s) no/ lá no dentista liga::mo(s)... aí a mulher falô(u) assim – “ah **o ônibus vai chegá(r) aqui** nove e meia... aí (inint.) vê se achava alguma coisa... aí depois cê (me) li::ga” [BDI - AC-016; NE: L. 13-15]
- ii) [[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO};
 - (b) catô(u) o carro e ainda saiu... cantan(d)o pneu... e eu tô lá eu deitado conversan(d)o conversa pra cá conversa pra cá beben(d)o cerveja né?... daqui a po(u)co minha filha... **chega ele** daqui uma hora mais ou menos me volta ele... me volta ele corren(d)o assim [BDI - AC-079; NE: L. 15-25]
- iii) [[SUJEITO]+[CHEGAR](+[PREP].+V2_{INF})]_{AUXILIARIZAÇÃO};
 - (c) **o Corinthians** acho que... perdeu um empatô(u) dois ou três... e **chegô(u) a í(r)** pra vigésimo... segundo... vigésimo terce(i)ro... aí o quê que aconteceu? ganhô(u):: [BDI - AC-053; RO: L.546-569]

³ As demais microconstruções são descritas em Araújo (2025).

(iv) [[SUJEITO]+[CHEGAR+([e]+)V2_{FIN}]]_{FOCALIZAÇÃO};

(d) foi... conversá(r) com a mulher... perguntan(d)o se ela podia comê(r) o lanche né? que a criança num tinha pegado... já tinha acabado a festa... e a: **a dona chegô(u) e falô(u)** – “num contratei você pra pra comê(r)... eu contratei você pra trabalhá(r)... joga esse lanche no lixo que num é pra você” [BDI - AC-047; NR: L.71-89]

(v) [CHEGAR]_{MARCADOR DISCURSIVO};

(e) o Z. veio a menina dela chamô(u) o Z.... **o Z. chegô(u)** – “vamo(s) po hospital” – ... nós fomo(s) a pé... nós fomo(s) a pé... [BDI - AC-130; NE: L. 199-214]

Desses cinco padrões, focalizaremos neste artigo apenas um: a construção [[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}.

A terceira etapa tratou da apuração da produtividade do padrão construcional selecionado, em termos de frequência *token* e da Análise Colocacional do SN na posição de sujeito. Ou seja, apuramos a frequência de ocorrência da construção [[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}, e contabilizamos quais termos preenchem a posição de Sujeito pós-verbal.

Na quarta etapa, interpretamos os resultados das análises de frequência, à luz dos traços semânticos de Animacidade do Sujeito e do Tipo de Entidade.

Quanto ao traço semântico de Animacidade, segundo Castilho (2012, p. 297), implica reconhecer que: “Dois traços semânticos subordinam-se ao traço /+animado/: o de /± humano/, visto que um referente animado não precisa ser necessariamente humano, e o de /± agentivo/, visto que numa dada sentença um referente animado não precisa necessariamente ser o controlador da ação”. Refinando esse critério para a análise dos colocados na construção, aplicamos os traços: [+ humano]; [- humano; + animado]; [- humano; - animado]; não se aplica, para casos de construção com sujeito indeterminado. Esse traço é interessante para esta análise, pois evidencia uma categoria semântica dos Sujeitos que preenchem os *slots* das construções com “chegar”.

Quanto ao Tipo de entidade semântica de Sujeito, de acordo com Lyons (1977), as categorias de Indivíduo (*chegar alguém*), Tempo (*chegar o natal*), Lugar (*chegar a serra*); Estado/Evento (*chegar um ponto*), são características semânticas de entidades de segunda ordem. Utilizamos, também, “não se aplica”, para casos de construção com sujeito indeterminado. A análise da entidade semântica, associada à frequência, nos interessa, pois, revela quais tipos de Sujeitos são mais atraídos para preencher o *slot* de Sujeito na construção [[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}.

Na quinta e última etapa, propormos generalizações das representações da construção aqui analisada no Esquema Imagético de Trajetória (_{ORIGEM – TRAJETO – DESTINO}).

Resultados e discussões: a função de focalização e apresentação

A Microconstrução [[CHEGAR]+[SUJEITO]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}] foi identificada em 8,33% (130/1559), ao qual associamos a função de focalização e/ou apresentação do referente do Sujeito posposto. Para chegarmos a esta função, recorremos a alguns pressupostos relacionados à ordem dos constituintes da oração e à função que essa ordem exerce na interação comunicativa.

O conceito de “apresentação”, “sentença apresentativa” ou “sentença apresentacional” é discutida por diversos autores. Mateus (2003, p. 320) caracteriza como as frases que exprimem juízos téticos⁴, possíveis de serem apreendidos nas ordenações VS, VSO, V(O)S e XVS, todas consideradas frases de “apresentação”. Em relação às ordens VS e V(O)S, com a primeira interessando à nossa descrição, Mateus (2003) elenca as seguintes propriedades da frase:

- i) o Sujeito não é tópico.
- ii) o núcleo do predicado é um verbo inacusativo que, portanto, não rege argumento interno.
- iii) a frase tem por função exprimir informação nova.

Consideremos, a esse respeito, a ocorrência exemplificativa em (2).

- (2) **chegô(u) um monte de gente** e tinha dois mato-grossenses tam(b)ém né? [BDI-AC023;NE:L.21-24]

Em (2), os três critérios para que uma frase seja de “apresentação”, de acordo com Mateus (2003), são validados. O SN “*um monte de gente*” na posição de Sujeito não é tópico sentencial, porque está deslocado para depois do verbo; o verbo “chegar” é inacusativo, por ser monoargumental, com argumento externo posposto; e o sujeito posposto é uma informação nova.

Para Castilho (2012, p. 253), a função de apresentar “é introduzir no discurso um novo participante, ou um novo estado de coisas”. A par desse entendimento, o autor entende (e classifica) as sentenças apresentacionais como equivalentes às sentenças existenciais (p. 329), porque os verbos existenciais têm por propriedade não predicar sobre um sujeito, mas simplesmente introduzir uma entidade nova no discurso.

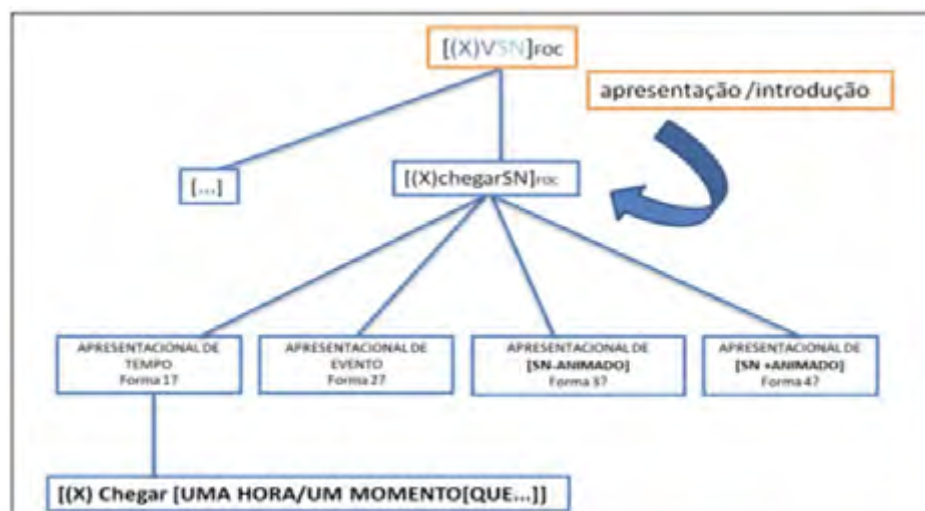
4 Segundo a autora, juízo tético refere-se ao ato de “reconhecimento ou rejeição material de um juízo” (p. 318).

A partir das duas definições acima, compreendemos que a microconstrução $[[\text{CHEGAR}]+[\text{SUJEITO}]_{\text{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}}]$ tem função de focalização – devido a propriedades formais apreendidas da ordem dos constituintes – e função de apresentação – uma vez que apresenta um novo referente no discurso.

A partir das duas definições acima, compreendemos que a MicroCx $[[\text{CHEGAR}]+[\text{SUJEITO}]]_{\text{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}}$ tem função de apresentação, por introduzir um novo referente no discurso, e função de focalização, associada à ordem marcada dos constituintes (VS). A noção de foco adotada nesta pesquisa segue a proposta de Dik (1997), para quem a função de Foco pode se manifestar por meio de: i) proeminência prosódica; (ii) ordem especial de constituinte; (iii) marcadores de Foco especiais; (iv) construções de Foco especiais (Dik, 1997, p. 327). Assim, no caso desse tipo de MicroCx, observamos que a função se instancia por recurso à ordem especial de constituinte, com Sujeito pós-verbal (VS), a posição típica de foco informacional.

A pesquisa de Freitas *et al.* (2022) evidencia a construção de foco com o verbo “chegar”. Embora os autores tenham desenvolvido a pesquisa com outros objetivos e métodos, é interessante considerar suas observações no que diz respeito à apresentação/introdução como formas de focalização de um SN, como no esquema abaixo:

Figura 2. Rede Construcional $[(X) \text{ CHEGAR SN}]_{\text{FOC}}$



Fonte: Freitas *et al.* (2022, p. 44)

Diante dessas considerações encontradas na literatura, as construções de ordem marcada (VS) podem ser apresentativas existenciais, quando um verbo existencial exerce apenas a função de introduzir uma entidade nova no discurso; e apresentativas téticas (Mateus, 2003; Pezatti, 2014) quando um verbo inacusativo exerce também a função de introduzir uma entidade nova, e ainda a de focalizar o argumento por ele predicado.

Traço e Tipo semântico de sujeito da microconstrução [[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}

Para aferir os resultados da análise do traço de animacidade do tipo construcional em análise, excluímos os casos de SN que referenciam Lugar, Tempo e Estado/Evento, tipos de entidade a que não se aplica o conceito de animacidade, como em (3).

- (3) aí ela começô(u) a paquerá(r) mais meu pai e meu pai a paquerá(r) mais ela... até que **chegô(u) um (dia)** que num ia dá(r) mais pra mantê(r) que minha mãe já não gostava mais do C.... pegô(u) e largô(u) dele... [BDI-AC36;NR:L.178-209]

O traço de Animacidade se aplica somente aos casos de SN-sujeito, representando entidade do tipo Indivíduo. Por isso, foram excluídas das análises 47 ocorrências (dos 130; 36,15%) referentes a SN com codificação de Tempo, Estado/Evento e Lugar. Das 83 ocorrências a que esse critério se aplica, temos 83,1% (69/83) de SN-sujeito com traço [+ humano], como em (4), e 16,9% (14/83), com traço [- humano; - animado], como em (5).

- (4) porque se **chegá(r) alguém** puxá(r) com muita força... e o fio um dos fio soltá(r)... num tê(r) problema de:: éh encostá(r) um fio no [outro] [BDI-AC149;RO:L.184-204]
- (5) a hora que **chegô(u) a serrinha** meu marido falava –“cê vai a hora que chegá(r) a serra... o seu ouvido vai ficá(r) parenen(d)o que vai exPLOdí(r)” [BDI-AC62;DE:L.204-226]

Esse resultado nos mostra que a microconstrução [[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO} está se especializando na seleção de referentes de traços [+ humanos] para preencher sintaticamente o *slot* de Sujeito.

Para a análise colocacional, observamos as expressões que ocupam a posição de Sujeito da construção. Essas expressões serão denominadas aqui como “colocados”. Como resultado da análise colocacional, os colocados mais frequentes nesse tipo de construção são mostrados na Figura 3.

Figura 3. Colocados mais frequentes em posição de Sujeito da construção
[[CHEGAR]+[SUJEITO]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}]

Colocado	Quantidade
“uma hora”	7
“alguém”	5
“um aluno”	3
“um certo momento”	3
“um dia”	3



Fonte: Elaboração própria

Na figura 3 acima, mostramos os cinco tipos de SN-sujeito mais frequentes na construção, de um total de 130 *tokens*, e o esquema de colocação na construção desses colocados mais frequentes. Em busca de generalizações, agrupamos os colocados na posição de SN-sujeito em quatro tipos semânticos, Indivíduo; Tempo; Lugar e Estado/evento, conforme os exemplos de (6) a (9).

- (6) porque se **chegá(r) alguém** puxá(r) com muita força... e o fio um dos fio soltá(r)... num tê(r) problema de:: éh encostá(r) um fio no [outro] [BDI-AC149;RO:L.184-204]
- (7) aí **chegô(u) a hora do almoço**... eu comi uma pi/ uma mini-pizza e bebi uma Coca-Cola... [BDI- AC008;NE:L.16-17]
- (8) a hora que **chegô(u) a serrinha** meu marido falava –“cê vai a hora que **chegá(r) a serra**... o seu ouvido vai ficá(r) paren(d)o que vai exPLOdí(r)” [BDI-AC62;DE:L.204-226]
- (9) então MUItto medicamento ele tomava... e ele entrô(u) numa depressão... e ele começô(u) a bebê(r) demais demais demais... **chegô(u) um PONto**... que no ano de dois mil... isso foi em noventa... dez ano a gente sofreu com ele e com a enfermidade... depois no ano de dois mil... ele começô(u) a fazê(r) muita coisa errada... [BDI-AC132;NE:L.24-37]

No exemplo em (6), o SN-sujeito (alguém) codifica entidade do tipo Indivíduo – uma entidade que, segundo Lyons (1977), é de primeira ordem, porque ocupa lugar no tempo e no espaço, e pode ser avaliada pela sua existência no mundo físico. Esse tipo de entidade é o mais frequente nos dados analisados, com 63,85% (83/130).

Em (7), o SN-sujeito refere a categoria Tempo, marcada por um evento específico e bem delimitado (a hora do almoço). Esse tipo semântico de entidade é o segundo mais frequente nos dados analisados, com 33,08% (43/130). A frequência aqui apresentada reforça o que foi encontrado na análise dos colocados, na Figura 3.

Em (8), o sujeito refere um locativo, “a serrinha” e “a serra”, e justificamos esse uso com o que Talmy (2000) chama de movimento fictício ou psicológico. Nessas situações, a conceptualização é a de que o ponto de referência é que se movimenta em direção ao Trajetor, e não o contrário. SN codificando Lugar tem uma frequência relativamente baixa se comparamos com Indivíduo e Tempo: apresenta 2,31% (3/130) de frequência.

Em (9), o Sujeito refere um Estado de Coisas/Evento, representado metonimicamente pelo SN genérico “um ponto”, especificado na sequência. Um contexto que reforça a interpretação de “um ponto” como sujeito da construção é a ausência de preposição após o verbo “chegar”, excluindo a hipótese de ser um complemento circunstancial (chegar a um ponto), levando à conceptualização de proximidade de um Evento/Processo, uma ocorrência singular no *corpus* investigado, com 0,77% (1/130) de frequência.

Tabela 1. Referencialidade do Sujeito e traço de animacidade em MicroCx
[[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}

Entidade / Animacidade	[+H]	%	[-H; -A]	%	N/A	%	Total	%
Estado de Coisas	-	-	-	-	1	0,77%	1	0,77%
Indivíduo	69	53,08%	14	10,77%	-	0,00%	83	63,85%
Lugar	-	-	-	-	3	2,31%	3	2,31%
Tempo	-	-	-	-	43	33,08%	43	33,08%
Total Geral	69	53,08%	14	10,77%	47	36,15%	130	100%

Fonte: Araújo (2025, p. 76)

A construção de apresentação/focalização aparece nos dados com quatro tipos semânticos de Entidade como Trajetor: *Indivíduo*, como exemplificado em (6), tipo mais frequente neste padrão construcional (63,85% = 83/130); *Tempo* (33,8% = 43/130), como exemplificado em (7); *Lugar* (2,31% = 3/130), como em (8); e *Estado de Coisas*, exemplificado em (9), com menor frequência (0,77% = 1/130).

Ainda que o Destino não seja o foco da análise deste padrão construcional, observamos que em *Eventos de Chegada* os quais envolvem movimentos concretos, o Destino tende a ser um *Lugar*. Já nos casos de movimentos abstratizados (como a passagem do tempo), o Destino assume a forma do *Indivíduo* que conceptualiza o evento, como em (7). Neste último caso, por exemplo, “a hora do almoço” é concebida como um tempo que se desloca em direção ao experienciador.

Pelo tipo de entidade mais frequentemente codificada pelo SN-Sujeito da microconstrução [[CHEGAR]+[SUJEITO]]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO} já fica evidenciada a também preferência por entidades do tipo *Indivíduo*, o que pode ser interpretado como se tratando de um tipo

de construção especializada na introdução de referentes humanos novos no discurso e focalizados devido sua importância contextual.

Gêneros discursivos, Tempo e Modo verbal

A microconstrução [[CHEGAR]+[SUJEITO]^{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}] é presente nos cinco Gêneros Discursivos que compõem cada inquérito do Banco de Dados Iboruna (Gonçalves, 2007). Os gêneros discursivos são: Descrição (DE); Narrativa de Experiência (NE); Narrativa Recontada (NR); Relato de Opinião (RO) e Relato de Procedimento (RP).

A MicroCx [[CHEGAR]+[SUJEITO]FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO] se mostra mais frequente em Narrativas de Experiência, com 40,77% (53/130), e em Narrativas Recontadas, com 26,92% (35/130). Esses dados indicam que a MicroCx é preferivelmente acionada quando os falantes narram situações que envolvem descrição de eventos/cenas em que indivíduos chegam, partem, comportam-se de determinado modo etc. Sendo assim, dada a função primordial desse tipo construcional, pode-se dizer que referentes novos são introduzidos e focalizados no discurso pelo verbo *chegar* mais frequentemente em tipos narrativos (NE e NR) do que em outros tipos textuais (DE, RO e RP). A frequência da MicroCx em Descrição é de 10% (13/130), em Relato de opinião, de 11,54% (15/130) e em Relato de Procedimento, de 10,77% (14/130).

Ao correlacionarmos os resultados da análise acima com Tempo e Modo verbal, chegamos aos resultados dispostos na tabela abaixo:

Tabela 2. Tempo e Modo verbal expressos nos Gêneros Discursivos

Tempo e Modo/Gênero Discursivo	DE	%	NE	%	NR	%	RO	%	RP	%	Total	%
Futuro do Presente do Indicativo	-	-	-	-	2	1,54%	1	0,77%	-	-	3	2,31%
Futuro do Pretérito do Indicativo	-	-	1	0,77%	-	-	1	0,77%	-	-	2	1,54%
Não finito	2	1,54%	4	3,08%	1	0,77%	1	0,77%	3	2,31%	11	8,46%
Presente do Indicativo	3	2,31%	3	2,31%	2	1,54%	7	5,38%	9	6,92%	24	18,46%
Pretérito Imperfeito do Indicativo	1	0,77%	5	3,85%	6	4,62%	1	0,77%	-	-	13	10,00%
Pretérito Perfeito do Indicativo	7	5,38%	39	30,00%	24	18,46%	3	2,31%	2	1,54%	75	57,69%
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	-	-	1	0,77%	-	-	1	0,77%	-	-	2	1,54%
Total Geral	13	10,00%	53	40,77%	35	26,92%	15	11,54%	14	10,77%	130	100%

Fonte: Araújo (2025, p. 78)

Corroborando as análises acima, o Tempo e Modo verbal de “chegar” é mais frequente no pretérito perfeito do indicativo, conforme os exemplos supracitados. No conjunto dos dados, essa forma responde por 57,69% (75/130) das ocorrências e se concentra sobretudo nos tipos narrativos, com 39/130 (30,00%) em Narrativas de Experiência e 24/130 (18,46%) em Narrativas Recontadas. Em termos mais gerais, esse padrão se

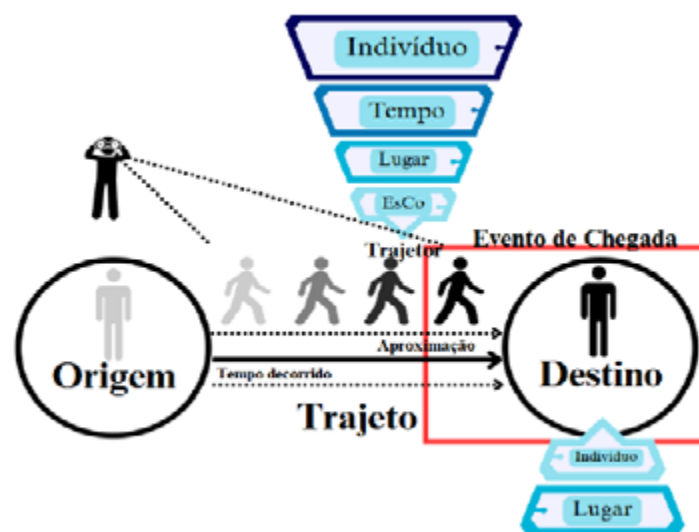
articula ao fato de que, em contextos de narração, os falantes tendem a organizar o relato por meio de tempos pretéritos (90/130); em seguida, pelo presente (24/130); e, mais raramente, por formas de futuro (5/130).

Perfilamentos do Esquema Imagético de Trajetória

A microconstrução $[[CHEGAR]+[SUJEITO]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}]$ é acionada pelo $EI_{ORIGEM-TRAJETO-DESTINO}$. Isto é, o falante condensa experiências anteriormente presenciadas em esquemas mais simples, que acionam determinadas construções.

A Figura 2 representa o EI depreendido de MicroCx de focalização/apresentação com sujeito pós-verbal a *chegar*. O EI correspondente permite certa diversidade nos tipos semânticos de Trajetor, abrangendo Indivíduo, Tempo, Lugar e EsCo, e, como Destino, Lugar e Indivíduo. Nessa configuração, o esquema perfila pontos como a Aproximação, que culmina em um Destino, configurando-o em um evento de chegada.

Figura 2. Esquema Imagético de Trajetória e as Microconstruções de focalização/apresentação



Fonte: Araújo (2025, p. 107)

A MicroCx $[[CHEGAR]+[SUJEITO]_{FOCALIZAÇÃO/APRESENTAÇÃO}]$ perfila de modo diferenciado os pontos, a depender da natureza do Trajetor e do conteúdo semânticopragmático, da construção. As ocorrências em (122) e (123) ilustram duas configurações distintas: uma que envolve a conceptualização de Trajetor abstrato, expresso como Tempo, e outra que conceptualiza um deslocamento físico e concreto de um Trajetor expresso sintaticamente como Indivíduo. Percebemos que o significado da construção corresponde a partes distintas desse Esquema Imagético. A “hora”, em (10), e “as mesas de computadores”, em (11), percorrem um trajeto até um destino.

- (10) **chegô(u) uma hora** que a gente num queria mais fazê(r) refeição... nos restaurante enjoô(u) a gente cansô(u) [BDI-AC124;DE:L.115-118]
- (11) éh:: **chegaram as mesas de computado::res... as carte::(i)ras... as cade(i)ras...** e agora só tá faltando os computadores que ainda num chegô(u).. [BDI-AC88;DE:L.436-446]

Em (10), *chegar*, na MicroCx, é uma extensão metafórica usada para descrever o alcance de um ponto no tempo – “uma hora” – que representa o momento em que a vontade de continuar indo a restaurantes se esgota. Trata-se de uma construção com os seguintes perfilamentos:

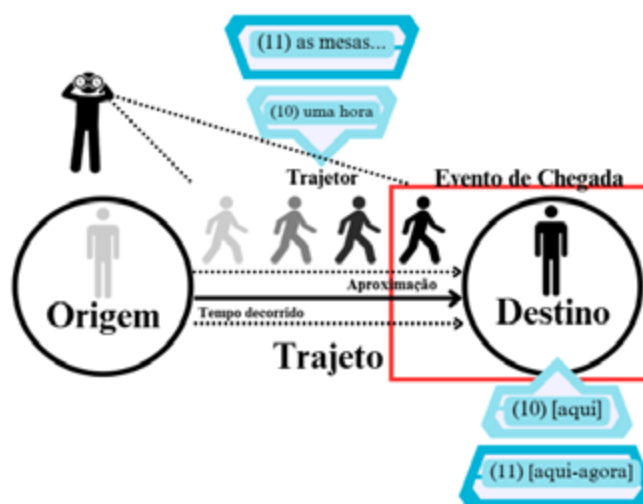
- i. TRAJETOR: a expressão temporal “uma hora”, posicionada pós-verbalmente, que atua como um marco temporal alcançado; TRAJETO: conceitualmente construído como uma repetição de experiências (ir aos restaurantes) que leva ao esgotamento;
- ii. DESTINO: o estado final de cansaço ou saturação experienciado;
- iii. ORIGEM: implícita, corresponde ao início da experiência recorrente;
- iv. PERSPECTIVIZADOR: o falante, que relata a vivência temporal sob seu ponto de vista.

Em (11), *chegar* é usado na MicroCx com sentido mais concreto e espacial, indicando o deslocamento físico de objetos até o local de destino. A construção perfila:

- i. TRAJETOR: “as mesas de computadores, as carteiras, as cadeiras”, que, como pertencentes à entidade Indivíduo, referem elementos concretos e ocorrem pospostos ao verbo;
- ii. DESTINO: inferido como o local em que se encontram os interlocutores (a escola), com apoio na *dêixis* situacional;
- iii. ORIGEM: não codificada linguisticamente, mas pressuposta como o local anterior de onde os objetos foram enviados;
- iv. TRAJETO: inferido conceitualmente como deslocamento espacial entre a Origem e o Destino;
- v. PERSPECTIVIZADOR: o falante, que atualiza discursivamente o ponto de chegada dos objetos em seu próprio espaço de fala.

Ilustramos, na figura abaixo, as partes perfiladas do EI na MicroCx de focalização/apresentação:

Figura 3. Exemplos de MicroCx de focalização/apresentação e a conceptualização do Esquema Imagético de Trajetória



Fonte: Araújo (2025, p. 9)

O sentido da microconstrução aciona as partes destacadas no “Evento de chegada”. Dessa forma, o Trajetor (“uma hora” e “as mesas”) – que pode ser concreto ou abstratizado – é focalizado e introduzido como novo no discurso. O trajetor ingressa em um Destino (o aqui-agora, do perspectivizador) – que pode ser explícito ou implícito (mas de ciência dos interlocutores). Na Figura 3, as partes do Ei são perfiladas, na MicroCx, em (10) como evento de chegada abstrato e temporal, marcado pelo esgotamento de uma sequência experiencial; e em (11), como evento de chegada concreto e espacial, no qual o Trajetor é fisicamente deslocado até um local compartilhado pelos interlocutores. Ainda que as duas construções apresentem Trajetor posposto e focalizado, o significado emergente, em (10), focaliza o processo que culmina em uma mudança de estado, e, em (11), a materialização da chegada de um indivíduo no espaço referenciado.

Considerações finais

A análise da microconstrução [[CHEGAR]+[SUJEITO]^{FOCALIZAÇÃO/ APRESENTAÇÃO}] no português brasileiro falado revelou uma especialização dessa construção na focalização e apresentação de referentes novos no discurso, o que confirma a hipótese levantada. Esses referentes, em sua maioria, são Indivíduos com o traço semântico [+humano]. Além disso, vimos que essa construção ocorre com maior frequência em Gêneros Discursivos Narrativos, especialmente em Narrativas de Experiência e Narrativas Recontadas. Nesse contexto, o verbo “chegar” é predominantemente flexionado nos tempos pretéritos, refletindo a natureza temporal das narrações.

Sob a perspectiva do Esquema Imagético de Trajetória (ORIGEM-TRAJETO-DESTINO), mostramos o correlato conceptual dessa construção. Quando ocorre, partes do Esquema Imagético são acionadas, possibilitando, por meio da construção, a codificação do Evento de chegada. Assim, com esta pesquisa, buscamos contribuir tanto para a descrição de construções com Sujeito posposto, no PB, quanto para o aprofundamento teórico dos Esquemas Imagéticos.

Referências

ARAÚJO, F. R. de. *Construções com o verbo “chegar” no português: uma análise cognitivo-funcional*. 2025. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp), São José do Rio Preto, 2025.

BARLOW, M.; KEMMER, S. *Usage-based models of language*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2000.

BERLINCK, R.A. Nem tudo que é posposto é novo: estatuto informacional do SN e posição do sujeito em Português. *Alfa*, São Paulo, 1997.

BYBEE, J. L. *Frequency of use and the organization of language*. Oxford University Press, 2007.

BYBEE, J. L. *Língua, Uso e Cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed., 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

DIESSEL, H. *The construction: Taxonomies and Networks*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

DIK, S. *The theory of functional grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FREITAS JUNIOR, R.; NASCIMENTO, J. P.; MARQUES, P. M.; ALBERNAZ, I. M. G. Discutindo níveis de generalização na gramática de construções baseada no uso: a rede construcional [(x) chegar sn]foc no PB. *Gragoatá*, Niterói, v. 27, n. 58, p. 20-51, maio/ago. 2022.

GONÇALVES, S. C. L. G. Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. 2007. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 03 fev. 2026.

JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LYONS, J. *Semantics* (Vol. 1). Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MATEUS, M. H. M. *Gramática de Português Europeu*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

OAKLEY, T. Image Schemas. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 214-235.

PEZATTI, E. G. Ordenação de constituintes em construções categórica, tética e apresentativa. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, [S. l.], v. 28, n. 2, 2014.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. Vol. 1, Concept structuring systems. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Petrópolis: Vozes, 2021.

VOTRE, S., NARO, A. Emergência da sintaxe como um efeito discursivo. *Relatório final do Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro, 1986. p. 454-481.

ZLATEV, J. Spatial Semantics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 318-350.